

# SEMEANDO ENTRE AS CINZAS DO MUSEU NACIONAL/UFRJ: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE O COLHEITA

SEMBRANDO ENTRE LAS CENIZAS DEL MUSEO NACIONAL/UFRJ: MEMORIAS Y  
NARRATIVAS SOBRE LA COLHEITA

SOWING AMONG THE ASHES OF THE NATIONAL MUSEUM/UFRJ: MEMORIES AND  
NARRATIVES ABOUT THE COLHEITA

Cássia Costa Rocha Daniel de Deus\*

Diana de Souza Pinto\*\*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Após o incêndio do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a reconstrução dos acervos tornou-se um desafio imperativo para todas as Seções, sobretudo a que concerne à Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR). O propósito deste artigo é examinar o processo de construção da proposta do sistema Colheita à luz da Memória Social, mais especificamente identificar como as emoções narradas por uma participante estão imbricadas na concepção da proposta. O corpus deste artigo é composto por narrativas da responsável técnica do sistema, que integram uma entrevista de pesquisa, analisadas sob a perspectiva da Sociolinguística Interacional, cujas categorias pistas de contextualização e *footing* ancoram o referido aporte teórico-metodológico. O trabalho analítico evidencia, por um lado, como as emoções estão circunscritas na memória e, por outro, como orientam o fluxo narrativo das lembranças evocadas.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Nacional. Seção de Memória e Arquivo. Memória Social. Emoção. Narrativa.

RESUMEN: Después del incendio en el Museo Nacional de la Universidad Federal de Río de Janeiro, la reconstrucción de las colecciones se convirtió en un desafío imperativo para todas las Secciones, especialmente la que concierne a la Sección de Memoria y Archivo del Museo Nacional (SEMEAR). El objetivo de este artículo es examinar el proceso de construcción de la propuesta del sistema Colheita a la luz de la Memoria Social, más específicamente, identificar cómo las emociones narradas por una participante se imbrican en la concepción de la propuesta. El corpus de este artículo está compuesto por relatos de la técnica responsable del sistema, que forman parte de una entrevista de investigación, analizadas desde la perspectiva de la Sociolingüística Interacional, cuyas categorías caminos de contextualización y *footing* anclan el aporte teórico-metodológico mencionado. El trabajo analítico

---

\* Doutoranda em Memória Social do curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Ciência da Informação do curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bibliotecária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: cassiacdeus@gmail.com.

\*\* Docente no Programa em Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: diana.pinto@unirio.br.

muestra, por un lado, cómo las emociones se circunscriben en la memoria y, por otro lado, cómo guían el flujo narrativo de los recuerdos evocados.

PALABRAS CLAVE: Museo Nacional. Sección Memoria y Archivo. Memoria. Emoción. Narrativa.

ABSTRACT: After the fire at the National Museum of the Federal University of Rio de Janeiro, the reconstruction of the collections became an imperative challenge for all Sections, especially the one that concerns the Section of Memory and Archive of the National Museum (SEMEAR). The purpose of this article is to examine the process of construction of the proposal of the Colheita system in the light of Social Memory, more specifically, to identify how the emotions narrated by a participant are imbricated in the conception of the proposal. The corpus of this article is composed of narratives told by the technician responsible for the system, which are part of a research interview, analyzed according to Interactional Sociolinguistics perspective whose categories contextualization clues and footing anchor the aforementioned theoretical-methodological contribution. The analytical work shows, on the one hand, how emotions are circumscribed in memory; on the other hand, how they guide the narrative flow of evoked memories.

KEYWORDS: Nacional Museum. Memory and Archive Section. Memory. Emotion. Narrative.

## 1 INTRODUÇÃO

O dia 2 de setembro de 2018 representa um marco na memória nacional e internacional, bem como na memória individual dos principais afetados pelo incêndio do Museu Nacional vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro: os funcionários, pesquisadores, alunos e frequentadores do espaço. Nesse dia, uma parte da história da Monarquia no Brasil e da história antropológica e científica da humanidade se tornou cinzas. De acordo com Kellner (2018)<sup>1</sup>, a instituição científica mais antiga do Brasil ardeu em chamas, o quinto maior acervo do mundo foi incendiado, destruindo aproximadamente 20 milhões de itens colecionados ao longo de 200 anos.

A riqueza do acervo perdido é imensurável, uma vez que cada item poderia ser explorado em inúmeras pesquisas com diferentes percepções. Na esfera do dizível, o incêndio atingiu coleções únicas, como, por exemplo: fósseis de animais e plantas extintos, alguns específicos do território nacional, mobiliário e documentos da época da Monarquia, a maior coleção de artefatos egípcios da América Latina, o mais antigo fóssil humano conhecido do Brasil, apelidado de “Luzia”, registros linguísticos e artefatos de povos indígenas, a Biblioteca de Antropologia Social e a Seção de Memória e Arquivo (Semear), entre outras coleções importantes para Cultura, Ciência e Memória, algumas em níveis mundiais.

Ainda não é possível dimensionar os desdobramentos do incêndio para a instituição, para os funcionários e para a sociedade, o que, talvez, seja uma tarefa infundável. No entanto, indiscutivelmente, o desastre colocou o Museu Nacional em evidência. A transmissão ao vivo do incêndio nos canais de televisão e a repercussão nas mídias sociais despertaram emoções, expressas, principalmente, em relatos nas redes sociais do Museu Nacional, em entrevistas jornalísticas, no protesto realizado no dia seguinte ao incêndio, nas cartas dos alunos das escolas públicas, entre outros<sup>2</sup>. Além de mobilizarem ações em nível local, nacional e internacional, para a reconstrução da instituição e conformação dos acervos, essas ações constituem uma parte da memória pós-incêndio do Museu Nacional. Entre elas, em nível internacional, destaca-se a doação do Ministério do Exterior Alemão de 1 milhão de euros (cerca de R\$ 4,6 milhões)<sup>3</sup>. Em nível nacional, cabe destacar as doações financeiras para a campanha “SOS Museu Nacional” promovida pela Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN). O nível local pode ser exemplificado tanto sob o aspecto institucional, como a

<sup>1</sup> Alexander Wilhelm Armin Kellner, diretor do Museu Nacional desde 2018, reeleito para gestão de 2022 a 2026.

<sup>2</sup> Para exemplos, acesse o vídeo de Mídia Ninja (2018) e de TV Cidade Verde (2018).

<sup>3</sup> Informação divulgada por Welle (2019).

atividade do Resgate<sup>4</sup> e diversos projetos, quanto sob o aspecto comunitário, como as doações dos vestígios das coleções encontrados por moradores próximos à instituição.

Os exemplos mencionados visam a demonstrar como o incêndio do Museu Nacional mobiliza diferentes atores sociais e, sobretudo, evidenciar o processo de construção coletiva da memória acerca do desastre e de seus efeitos. Nesse sentido, de acordo com Halbwachs (2006) e Pollak (1992), a memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, que sofre transformações e mudanças constantes conforme as necessidades políticas e pessoais do momento. Isso significa que a memória moldada acerca do incêndio e do pós-incêndio<sup>5</sup>, futuramente, poderá ser reinterpretada e analisada de outra forma. No entanto, segundo Pollak (1992), a memória herdada dos acontecimentos contém marcos ou pontos invariáveis, isto é, elementos constitutivos.

A partir desse pressuposto, o incêndio e os processos envolvidos na reconfiguração do Museu Nacional, independentemente das flutuações políticas e das percepções individuais de todos que o presenciaram ou dele participaram e contribuíram com os processos, representam um marco na memória da instituição, provavelmente com desdobramentos na memória do povo brasileiro por meio da socialização histórica. Cada projeto de conformação das coleções, estruturação das exposições e eventos comemorativos do Museu Nacional tem o potencial de ser explorado pelo viés da Memória Social porque todos são mediados por decisões, escolhas, disputas e projeções coletivas que contemplam tanto o passado quanto o presente e o futuro almejado para a instituição. Esses elementos e a percepção de memória com vistas ao porvir, segundo Gondar (2016), encontram-se no bojo dos estudos da área. Sendo assim, o objeto desta pesquisa é a Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR), em cujo projeto de reconfiguração a primeira autora participa.

A Semear está vinculada diretamente à coordenação do Museu Nacional. O acervo, antes do incêndio, era estimado em “[...] cerca de quinhentos metros de documentos textuais e aproximadamente 15.000 documentos iconográficos.” (SANTOS; ESTEVÃO, 2007, p. 200). Deve-se esclarecer que apenas uma parte do acervo foi identificada, tratada e organizada em 54 fundos (categorias), pois o processo de tratamento técnico ainda estava sendo realizado com a equipe reduzida de dois servidores. Em virtude do término do projeto de fomento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento dos Arquivos Ibero-Americanos de 2018, um HD externo da Seção com diversos documentos digitais foi salvo pela ex-coordenadora. Entre os documentos, destacam-se “[...] 2030 (duas mil e trinta) folhas digitalizadas do Arquivo Administrativo Histórico Científico do Museu Nacional (1810-1880).” (DEUS; PINTO, 2021, p. 2). Esses documentos testemunham as atividades dos Museu Real (1819-1824), Museu Nacional e Imperial (1824-1825), Museu Imperial e Nacional (1825-1842) e Museu Nacional a partir de 1842.

Outro acervo da Semear que resistiu ao incêndio foi o iconográfico, porque estava alocado em uma sala do Horto Florestal, composto “[...] por um conjunto de documentos fotográficos e fitas magnéticas de vídeo que registram as atividades do Museu Nacional e seus diferentes projetos.” (DEUS; PINTO, 2021, p. 2). No momento, é o único acervo físico da Semear e contém registros importantes, como, por exemplo, um exemplar que documenta fotograficamente a exposição comemorativa do Centenário da Independência em 1922, além de fotografias das visitas ilustres de Albert Einstein e de Marie Curie, entre outros.

Observa-se a relevância do acervo da Semear tanto para pesquisas sobre o Museu Nacional e áreas correlatas (Mineralogia, Fauna, Flora e Arqueologia brasileira, entre outros), quanto para os estudos sobre a História da Ciência, devido à documentação de pesquisadores reconhecidos mundialmente a exemplo de Lygia Maria Sigaud, Adolfo Lutz e Bertha Lutz. O fundo Bertha Lutz obteve o título de Memória do Mundo junto à UNESCO. Como ele foi totalmente perdido em decorrência do incêndio, a organização concedeu-lhe, pela primeira vez, um Registro Nacional do Brasil de Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido.

<sup>4</sup> O Resgate é uma atividade realizada por funcionários voluntários do Museu Nacional, que visa a retirar dos escombros peças e vestígios do acervo. Para mais informações recomendamos a leitura de Carvalho (2021).

<sup>5</sup> Pós-incêndio é compreendido aqui como o período de reconstrução até a reabertura oficial do espaço das exposições, do Palácio Imperial, para o público.

Face à importância da Semear e à perda física da maior parte de seu acervo, a sua reconstrução tornou-se um desafio, que sensibilizou não apenas os funcionários da seção, como também familiares, amigos, pesquisadores internos e externos. Após o incêndio, um grupo de trabalho multidisciplinar foi formado por funcionários da seção e colaboradores com o propósito de refletir e viabilizar a proposta do sistema Colheita, idealizada principalmente por Maria Nazaré Freitas Pereira, irmã da então coordenadora da Semear<sup>6</sup>.

O sistema Colheita intenciona disponibilizar, em uma única plataforma de acesso, os documentos digitais da Semear e os desdobramentos da consulta a eles, como publicações científicas (teses, dissertações, artigos, trabalhos apresentados em eventos, documentários e exposições) e gestão da pesquisa (projeto de pesquisa, relatórios, órgãos de fomento, instituições e pesquisadores). Como o sistema está em desenvolvimento, a proposta deste artigo concentra-se nas emoções evocadas com a lembrança do incêndio que configuram o ambiente que o antecede, assim como nas emoções implicadas nos fatores que constituem o processo de idealização do Colheita. Esse recorte está respaldado no estudo de Gondar (2016), que considera a memória como um processo com contexto afetivo, no qual as representações são apenas uma parte da memória legitimada por uma coletividade; a outra parte está atrelada às condições, embates e vontades sob as quais a memória se constitui.

Este artigo, de natureza transdisciplinar, integra contribuições dos campos da Memória Social, dos Estudos da Linguagem e da Antropologia, e visa a investigar a memória da concepção do Sistema Colheita com o intuito de identificar quais emoções são acionadas com a lembrança do incêndio e como são elaboradas discursivamente, a fim de apontar como as emoções que emergiram nesse contexto de desastre estão relacionadas aos fatores e interesses que culminaram na referida proposta. Para essa finalidade, empregamos a análise de narrativas contidas em uma entrevista de pesquisa realizada com a responsável técnica pela proposta e uma das fundadoras do grupo de trabalho dedicado ao desenvolvimento do Colheita: Maria Nazaré Freitas Pereira<sup>7</sup>.

Vale mencionar que a primeira autora deste artigo, além de integrar o grupo de trabalho, como colaboradora, foi a responsável por conduzir a entrevista. A entrevista realizada com Maria Nazaré Freitas Pereira, ocorreu no dia 16 de julho de 2019, após reunião técnica do sistema em sua casa. Duas perguntas abertas foram formuladas no início da entrevista, uma vez que o objetivo era evocar narrativas sobre o incêndio, sobretudo, do Colheita; a saber: Como foi receber a notícia do incêndio do Museu Nacional e da Semear? Como surgiu a ideia do Colheita?

O exame da narrativa aqui desenvolvido está fundamentado na abordagem da análise do discurso na perspectiva da Sociolinguística Interacional (SI). De acordo com Ribeiro e Garcez (2013), esta compreende a narrativa como resultado da interação entre os participantes de uma conversa, sendo o sentido dela o resultado da negociação entre os integrantes. As categorias pistas de contextualização, de Gumperz (2013), e alinhamento/footing, de Goffman (2013), que serão descritas na próxima seção, auxiliam-nos no trabalho de análise. Para o embasamento teórico sobre a análise de narrativas na perspectiva interacional, os estudos de Bastos (2005), Bastos e Biar (2015) e Riessman (2008) serão nossos principais aportes. A discussão sobre o conceito de memória adotado será norteadada, sobretudo, pelas contribuições de Halbwachs (2006), Gondar (2016) e Pollack (1992), integrando a discussão empreendida por Breton (2019), no que concerne à concepção antropológica das emoções.

## 2 NARRATIVAS E O SOLO FÉRTIL DA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

As narrativas estão presentes em nosso cotidiano, desde os encontros casuais aos profissionais, pois constantemente contamos e ouvimos histórias acerca das experiências vividas ou compartilhadas. O ato de narrar, geralmente, permite-nos comunicar nossas crenças, valores, sentimentos, isto é, quem somos. Nesse sentido, Riessman (2008) aborda que contar histórias pessoais parece ser uma atividade humana universal, e sua valorização está mais evidente na vida contemporânea devido à preocupação moderna com a concepção de identidade como construto social; construímo-nos por meio da linguagem no aqui e no agora da interação em função de nossos interlocutores e da situação comunicativa em curso. Para Bastos e Biar (2015), a narrativa é uma prática discursivo-

<sup>6</sup> É importante esclarecer que, apesar dos esforços empreendidos pelo grupo de trabalho, por meio de reuniões técnicas e da elaboração de projetos de fomento, até o momento o projeto carece de recursos financeiros e de pessoal capacitado para sua implementação.

<sup>7</sup> Bibliotecária, Doutora em Ciência da Informação, Pesquisadora e Consultora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A pesquisadora assinou o termo de consentimento livre esclarecido, o qual permite a divulgação de seu nome na transcrição da entrevista.

interacional social e situada que organiza a experiência humana e constrói sentidos culturalmente relevantes; uma prática discursiva que ordena e normaliza a experiência extraordinária de um ator social em redes de expectativas e significados disponíveis na cultura de que ele é parte.

Na abordagem da sociolinguística interacional, quando usamos a língua estamos fazendo coisas, uma vez que, por meio da linguagem argumentamos, seduzimos, convencemos, criticamos e prometemos. Essa premissa é adotada por Bastos e Biar (2015), ao conceituarem a narrativa como discurso construído na ação de contar histórias, gestada nos contextos de “carga da vida social” do narrador e da interação com o ouvinte. “Isso significa que a análise interacional do discurso narrativo pode nos ajudar a compreender como os indivíduos, na interação com os outros, coconstróem tanto suas identidades quanto a ordem social que os cerca.” (BASTOS, 2005, p. 75).

Nessa tendência, os sociolinguistas interacionistas se ocupam com o estudo dos sentidos, definições e ações elaborados pela linguagem empregada na interação entre os participantes. De acordo com Ladeira (2007), a observação do participante cobre a lacuna da transcrição da gravação das entrevistas, porque amplia o universo da análise, não mais restrito à sequencialidade dos aspectos linguísticos. Em suma, consideram-se os aspectos não linguísticos, condições sociais da organização local, como também as inferências dos significados dos enunciados. A entrevista de pesquisa que embasa este estudo foi gravada em áudio. Os excertos das transcrições apresentadas durante as análises, nas quais os aspectos não linguísticos estão sinalizados, estão em consonância com as convenções utilizadas na SI e compiladas por Bastos e Biar (2015)<sup>8</sup>.

Na perspectiva de Rampton (2017), a linguagem é difusamente indexada, pois aponta para pessoas, práticas, configurações, objetos, ideias que geralmente não são explicitamente expressos. Ainda de acordo com o autor, a Sociolinguística Interacional busca desenvolver uma compreensão mais profunda de como os signos linguísticos interagem com o conhecimento social no discurso. Nos eventos de fala examinados por Gumperz (2013), a exemplo de uma aula ou uma consulta médica, os processos de inferência são acionados por convenções geralmente compartilhadas entre os participantes, que englobam as estruturas de participação culturalmente engendradas, isto é, direitos e deveres relativos ao que dizer, como dizer e para quem dizer. No caso da consulta médica, cabe ao médico abrir e fechar o evento de fala que, frequentemente, consiste em perguntas elaboradas por ele sobre o paciente e respondidas pelo paciente. Isso ocorre na entrevista de pesquisa, na qual ao entrevistador é chancelado socialmente o direito de direcioná-la.

Outra contribuição relevante para os estudos da Sociolinguística Interacional foi realizada por Gumperz (2013), que cunhou o termo convenções de contextualização para descrever os “[...] traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais.” (GUMPERZ, 2013, p. 152). Elas podem ser de diferentes naturezas: linguísticas, a exemplo das mudanças de código, de dialeto e de estilo; paralinguísticas, como o tempo de fala, as repetições, hesitações e pausas, prosódicas (entonação, cadência e tom); e não verbais (olhares, gestos e posturas). Para Gumperz (2013), por um lado, o uso das pistas depende do repertório linguístico dos participantes, circunscrito por suas trajetórias sócio-históricas. Por outro, sua interpretação está subjugada ao valor sinalizador das pistas, que deriva do reconhecimento tácito dos seus possíveis significados por parte dos participantes à luz da interação em curso. Desse modo, o compartilhamento das interpretações depende do conhecimento prévio do valor das convenções por parte dos participantes de uma dada interação: “[...] quando os indivíduos não compartilham da mesma experiência prévia, cultural, ou comunicativa, podem ocorrer diferentes interpretações e inferências [...]” (WITKOWSKI, 2013, p. 90).

A interpretação dos enunciados, na interação oral, está atrelada, também, ao monitoramento mútuo, quando os participantes se concentram nas “mensagens corporificadas”, ou seja, nos gestos e expressões faciais. Tais mensagens, segundo Goffman (2013), são reações corporais que emitem mensagens para o outro como, por exemplo: aprovação, discordância, embaraço, tédio, interesse, entre outras. Durante a interação, elas são reconhecíveis graças às pistas de contextualização e podem interferir no rumo dela. Ainda de acordo com Goffman (2013), a interação é coconstruída na situação social, definida como: “[...] o ambiente que proporciona possibilidades de monitoramento, qualquer lugar em que o indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que

<sup>8</sup> As convenções instituídas por Bastos e Biar (2015) e utilizadas na transcrição das narrativas estão compiladas em um quadro, após as referências.

estão “presentes”, e para quem os outros indivíduos estão acessíveis de forma semelhante” (GOFFMAN, 2013, p. 17).

A situação social deste artigo é a entrevista de pesquisa, na qual as convenções sociais que organizam o encontro e os papéis pré-determinados (entrevistado e entrevistador) geram um ambiente mais propício ao monitoramento. Ainda que seja um evento de fala regulado por perguntas e respostas, a entrevista é conduzida por ambos os participantes; por isso, é compreendida por Santos (2013) como uma construção discursiva coparticipativa. Assim, “[...] a escolha, seja do momento, do tópico, dos entrevistados, das perguntas e respostas ou até mesmo da interpretação, é um processo interacional e ativo. [...] A entrevista como um todo é uma coconstrução da qual entrevistador e entrevistado participam e ativam relações.” (ROLEEMBER, 2013, p. 41).

O aspecto interacional das entrevistas, sobretudo as narrativas que emergem em seu decorrer, constituem o foco do estudo de Mishler (1999). Como aponta Rollember (2013), a narrativa é definida como uma produção conjunta do entrevistado e entrevistador, na qual o que e como conversam são elementos fundamentais para as análises. As escolhas sobre o que contar são direcionadas pelo objetivo da entrevista, interesses do entrevistado e a condução da entrevista. O como contar é fruto da interseção das duas forças: forças sociais e interativas, descritas por Gumperz (2013) como inerentes à prática comunicativa reconhecida pela SI.

Essas associações estão vinculadas aos dois mundos da narrativa, mencionados por Flannery (2011). O primeiro mundo é o da relação interacional, do narrador com o seu ouvinte. Mesmo tendo um papel diferente, o ouvinte (entrevistado) é um elemento integrante do ato, com o potencial de contribuir e construir o fluxo narrativo, por meio do uso de convenções de contextualização de variadas naturezas. O outro mundo é o da estória, no qual o narrador se constrói discursivamente assim como os outros personagens. Nesse mundo da estória, ele também cria relações sociais, projeções, episódios, lugares, momentos, movimentos e afetos que são atualizados quando a narrativa é enunciada.

Os significados implicados nos dois mundos estão relacionados à compreensão dos efeitos envolvidos em contar as estórias para pessoas em determinadas situações. Para Pinto (2019), ao narrarmos estamos nos construindo discursivamente para o outro e agindo sobre o outro. Essa concepção suscita a reflexão acerca da atuação simultânea da linguagem, “[...] a linguagem continua a atuar sobre nós no momento mesmo em que falamos, pensamos que estamos atuando, quando também estamos, ao mesmo tempo, sofrendo uma atuação.” (BUTLER, 2018, p. 69). Então, a construção discursiva da narrativa é gestada sob normas socioculturais e históricas, performatizadas na linguagem adotada pelos participantes que, conseqüentemente, repercute sobre o outro <sup>9</sup>.

Outra categoria que será observada nas narrativas é o alinhamento, ou melhor, o *footing* da entrevistada. O conceito de *footing* foi introduzido por Goffman, segundo Ribeiro e Garcez (2013), em um estudo publicado em 1979, no qual o termo é apresentado como complementar ao conceito de enquadre<sup>10</sup> no discurso. “*Footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção.” (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 107). Os *footings* podem ser identificados, por exemplo, por meio das alternâncias de marcadores de som (altura, volume, ritmo e timbre). Para Goffman (2013), os participantes de qualquer interação mudam constantemente seu *footing*, enquanto falam, por se tratar de uma característica comum à fala natural. Então, qual a importância do *footing* para a análise das narrativas e para o presente estudo?

A análise de *footings* permite “[...] olhar para o desempenho das identidades sociais e linguísticas dos participantes em uma situação de interação face a face: como essas identidades emergem, como se constituem e como se alteram no fluxo do discurso e da interação.” (RIBEIRO, GARCEZ, 2013, p. 108). No que tange às narrativas, como já foi abordado anteriormente, performances são encenadas durante o relato das experiências, que são reinterpretadas no ato de narrar conforme o interesse situacional. Observar as mudanças de alinhamento/*footing* evidência quais relações são estabelecidas pelo narrador com a estória e seus respectivos

<sup>9</sup> Esta repercussão se refere a diversos fatores, desde sentimentos de negação, indiferença, revolta, concordância, até a força de mobilizar o outro a praticar uma ação, entre outras questões. Em relação à figura do outro, nos referimos às duas interpretações, o outro na relação entre interlocutor e narrador, e o outro que toma conhecimento do discurso construído na narrativa.

<sup>10</sup> Enquadre é definido por Ribeiro e Garcez (2013) como a metagemagem situada em todo enunciado, que organiza o discurso e orienta os participantes da interação.

personagens, bem como a identidade construída para si e para o ouvinte (no presente caso, a entrevistadora). Sendo assim, para o presente trabalho, os *footings* contribuem para a compreensão de quais são as relações e as identidades que fundamentam a proposta do Colheita.

Apresentamos algumas categorias do campo da Sociolinguística Interacional, a partir das quais é possível inferir a fertilidade deste solo para o processo de análise das narrativas. Essas são compreendidas por Bastos (2005) e Riessman (2008) como uma prática social que promove ações e efeitos sobre o mundo<sup>11</sup>. Entre os efeitos da narrativa, destaca-se como ela pode transformar as lembranças por meio da reinterpretação das experiências e, ao mesmo tempo, consolidá-las ou rechaçá-las ao compartilharmos com o outro.

### 3 NARRATIVA, MEMÓRIA E EMOÇÕES

Em consonância com os estudos de base interacional de Bastos (2005), Riessman (2008) e Bastos e Biar (2015), consideramos a narrativa uma janela para a compreensão dos processos transitórios e fluidos de identidades sociais de indivíduos e grupos, que constantemente estão em vias de tornarem-se algo, de integrarem-se a novas teias de pertencimento que se fazem e se desfazem em um ilimitado jogo social tecido também por emoções. Segundo Lawler (2014), a narrativa permite acionar lembranças e conformar as memórias por meio da linguagem. Este estudo contemplará o gênero narrativa à luz do jogo do lembrar e do esquecer constitutivo da memória, como destaca Pollak (1992). Cabe ressaltar que a narrativa é aqui concebida como um gênero discursivo atravessado por emoções que contribui para a construção da memória acerca dos eventos, a fim de justificar a sua escolha como método de análise do processo de idealização do Colheita.

Uma das características da narrativa é o fato dela ser criada a partir das experiências pessoais do narrador; nesse sentido não há expectativas relativas à fidelidade no que tange à descrição dos eventos ocorridos. A narrativa, portanto, funciona como “[...] recontagens seletivas e contextualizadas de lembranças de eventos.” (BASTOS, 2005, p. 80). No âmbito das pesquisas em Memória Social, questiona-se: por que essas lembranças são passíveis de serem contadas? O que orienta a seleção dessas lembranças? Como a narrativa pode contribuir para a construção da memória de um evento?

A resposta imediata para a primeira pergunta faz alusão à prerrogativa de Labov e Waletzky (1967) de que a narrativa precisa ter um ponto, ou seja, uma razão para ser contada. Segundo Bastos (2005), ela deve retratar algo extraordinário, ou seja, incomum aos parâmetros da normalidade de um evento. “É nestes espaços que criamos para representar, e apresentar, aquilo que nos interessa e que acreditamos poder interessar a outros, recriamo-nos a nós mesmos e damos vida aos personagens com quem interagimos em momentos distantes do presente.” (FLANNERY, 2011, p. 113). Na perspectiva de Flannery (2011), o relato está condicionado, principalmente, ao interesse pessoal do narrador. Quando ocorre este interesse pessoal?

O interesse em relatar ocorre no presente, seja porque nos deparamos com uma situação que desperta emoções e nos remete às nossas memórias seja por sermos provocados pelo outro a nos lembrarmos. A provocação ocorre, geralmente, para responder a uma pergunta de cunho pessoal ou de pesquisa. Não é qualquer pergunta que desencadeia uma narrativa, conforme Bastos (2015); a pergunta precisa ser aberta e direcionada a um tópico. A resposta se torna uma narrativa devido à necessidade do narrador em obter um turno mais longo para compartilhar sua experiência. Dessa forma, ao retomarmos a primeira pergunta, concluímos que a narrativa é uma ação deflagrada em uma interação que remete a lembranças moldadas de acordo com os interesses e vivências do narrador, em um determinado contexto comunicativo e, por isso, são contáveis.

A forma como a narrativa é contada e recontada, segundo Goffman (2013), está vinculada ao que está ocorrendo aqui e agora quando interajo com meu interlocutor. “A cada recontagem, ou, a cada performance narrativa, há, necessariamente, adaptações ao contexto e aos ouvintes. Além disso, são construções de um narrador em diferentes momentos de sua experiência [...]” (BASTOS,

<sup>11</sup> Ver Riessman (2008). As narrativas pessoais podem encorajar o outro a agir e convocar uma mobilização política. A autora cita como exemplo o incentivo ao movimento Feminista, por meio dos relatos das experiências traumáticas de aborto.

2005, p. 82). Assim, a narrativa implica a ressignificação da experiência, a reinterpretação da estória à luz do conhecimento originário dela e de entendimentos presentes (contexto, experiências e ouvintes). A reinterpretação é algo inerente ao ato de narrar pois, ainda que se apresente com pequenas nuances, acontecerá de alguma forma, porque à medida que nos relacionamos com o outro e refletimos sobre os atravessamentos do discurso macro (preceitos socioculturais e históricos), a todo tempo, estamos nos construindo e atualizando nossas memórias.

[...] é preciso abandonar a ideia de que o passado é preservado intacto nas memórias individuais, como se não tivesse transitado por tantas experiências diferentes quantos indivíduos existem [...] Falamos das nossas memórias para evocá-las, essa é a função da linguagem e todo o sistema de convenções sociais que a acompanha; isso é o que nos permite reconstruir nosso passado a cada momento. (HALBWACHS, 2004, p. 324, **tradução nossa**)<sup>12</sup>

De acordo com Lawler (2014), ao narrar, interpretamos a memória; assim, para compreendermos o que será acionado como lembrança em uma narrativa, o elemento esquecimento deve ser considerado, uma vez que “... qualquer narrativa é seletiva e implica, passiva ou ativamente, certo esquecimento de que uma história poderia ser contada de outra maneira” (HUYSEN, 2014, p. 159). Segundo Gondar (2016), as memórias são construídas na relação complexa entre o lembrar e o esquecer.

[...] esquecer é um ato que se encontra invariavelmente presente em qualquer construção mnemônica. Para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha: a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento. Isso faz da memória o resultado de uma relação complexa e paradoxal entre processos de lembrar e de esquecer, que deixam de ser vistos como polaridades opostas e passam a integrar um vínculo de coexistência paradoxal. (GONDAR, 2016, p. 29)

Ao contar uma estória, a seleção do que lembramos está associada também ao que esquecemos; logo, a lembrança e o esquecimento constituem a memória das experiências, que pode ser transformada a cada vez que a comunicamos. Segundo Bastos (2005), isso ocorre porque, quando relatamos, somos guiados pelos filtros das nossas emoções. É importante assinalar que a emoção não é fixa: “[...] ela é diluída nas malhas do tempo, as quais a acentuam ou amenizam, alterando seu significado [...]” (LE BRETON, 2019, p. 147). Destarte, para o autor, o trabalho do tempo pode modificar a forma como um acontecimento é experimentado. No ato de narrar, portanto, ao evocarmos uma lembrança, ao mesmo tempo nossas emoções são atualizadas e, conseqüentemente, a memória acerca da experiência o é. De acordo com Gondar (2016), não existem memórias fora de um contexto afetivo. “Se, como artifício explicativo, desdobrarmos o processo de produção da memória em algumas etapas, deveremos considerar o afeto como a primeira [...]. Desse modo, se a memória é um processo, o que o deflagra são relações e afetos.” (GONDAR, 2016, p. 38). Neste artigo, por meio da análise das narrativas, apontamos que as memórias estão inseridas em um contexto afetivo, porque são permeadas pelas emoções. Nesse sentido, Rossi (2010) apresenta reconhecimento similar, ao afirmar que a memória sempre implica uma participação emotiva em relação ao passado, “[...] que é sempre vaga, fragmentária, incompleta, sempre tendenciosa em alguma medida.” (ROSSI, 2010, p. 28).

A partir das reflexões apresentadas, consideramos que o universo narrativo é subjetivo, uma vez que está ancorado em interações, lembranças, esquecimentos, interpretações, construções e emoções. Sendo assim, a terceira pergunta pertinente para a presente investigação é: como a narrativa pode contribuir para a construção da memória de um evento? Um exemplo são os estudos de Pollak (1992, 2010), que destacam a importância metodológica do uso de narrativas para a compreensão de situações não propagadas; em outras palavras, os bastidores da memória instituída acerca de um evento, lugares e personagens que, frequentemente, apresentam outros olhares e até versões distintas sobre o mesmo ponto.

Ainda de acordo com Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído, que abarca também, em sua organização, as preocupações pessoais. “Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser

<sup>12</sup> “[...] se hace necesario renunciar a la idea de que el pasado se conserva intacto en las memorias individuales, como si no hubiese transitado por tantas experiencias diferentes como individuos existen [...] Hablamos de nuestros recuerdos para evocarlos; esa es la función del lenguaje y todo el sistema de convenciones sociales que lo acompaña y es lo que nos permite reconstruir en cada momento nuestro pasado.” (HALBWACHS, 2004, p.324).

conscientes quanto inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (POLLAK, 1992, p. 4-5). Uma forma de organizar essa memória é por meio das narrativas, conforme Bastos (2005), pois cada vez que contamos histórias fazemos circular determinadas interpretações discursivas, que passam a integrar nossa memória do que aconteceu. Essa organização da memória individual configura-se como um elemento importante para a construção da memória de um evento, uma vez que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A terceira pergunta condiz com a proposta deste estudo, que é identificar, por meio da narrativa, as memórias envolvidas na proposta do sistema Colheita. Como é um sistema que está em construção, há poucos trabalhos que tratem do processo de sua configuração<sup>13</sup>.

#### 4 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

As análises serão apresentadas a partir de três eixos: o incêndio do Museu Nacional e da Semear, a confrontação com a perda e a concepção da proposta do Colheita. Os dois primeiros são importantes para compreender como a entrevistada enuncia as perdas e quais relações estabelece tanto com o Museu Nacional quanto com a Semear, isto é, como constrói discursivamente as emoções acionadas com a lembrança do incêndio. O último visa a identificar como as emoções estão implicadas na iniciativa, assim como os alinhamentos (*footings*) projetados discursivamente pela entrevistada na narrativa, que contribuíram para a elaboração da proposta e, ao mesmo tempo, constituem parte da memória do processo de idealização do sistema.<sup>14</sup>

##### 4.1 O INCÊNDIO DO MUSEU NACIONAL

EXCERTO 1 - O incêndio do Museu Nacional e da Semear para Maria Nazaré

- 1 Cássia Como foi receber a notícia do incêndio do Museu Nacional  
2 e da Semear? e como surgiu a ideia do Colheita?  
3 Maria Ah Eu... Eu fiquei devastada com a notícia do incêndio,  
4 com as imagens trágicas, bíblicas do acontecimento por causa  
5 da da relação da minha irmã↓né, pelo trabalho com a instituição.  
6 Com: com a semear né, que aquilo ali era a menina dos olhos DELA,  
7 um encantamento DELA ultimamente. E: mais me pegou,  
8 me pegou FEIO, me pegou FEIO porque eu havia estado lá:  
9 Lá nos 200 anos. [...]  
[...]  
17 [...] Então: a minha primeira reação foi...  
18 totalmente=emocional das entranhas. Eu não -  
19 eu não pensei na riqueza do que tava ali.  
20 Não era assim a motivação principal, a motivação principal do meu do meu  
21 desespero, do meu do meu choro do: meu desconcerto, de tudo era:  
22 a minha irmã↓. [...]

A passagem selecionada da narrativa de Maria Nazaré nos fala de suas lembranças acerca de quando tomou conhecimento sobre o incêndio do Museu Nacional. A relação atávica entre a experiência do incêndio e sua relação com a irmã<sup>15</sup> é central, sendo apontada

<sup>13</sup> Recomendamos a leitura de Silva Júnior (2021), como também de Deus e Pinto (2021).

<sup>14</sup> Os excertos foram extraídos da entrevista de pesquisa realizada com a irmã da então coordenadora da Semear, a Bibliotecária, Doutora em Ciência da Informação, pesquisadora e consultora do Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia: Maria Nazaré Freitas Pereira.

<sup>15</sup> A irmã de Maria Nazaré, desde 2019, não está disponível para entrevistas por motivos pessoais.

pela narradora como a motivação principal do seu sofrimento (“desespero”, “choro” e “desconcerto”). O posicionamento de Maria Nazaré ao se recordar do evento indexicaliza uma relação de grande empatia, na medida em que se coloca no lugar da sua irmã; a intensidade das suas emoções são construídas, assim, por meio das escolhas lexicais usadas para descrever suas emoções (“Eu fiquei devastada,” linha 3; “me pegou FEIO, me pegou FEIO”, linha 8, “primeira reação foi... totalmente=emocional das entranhas”; linha 18) como também nas ênfases atribuídas às diferentes expressões durante a narrativa sinalizadas pelo sublinhado.

Vale mencionar que as pistas de contextualização de natureza paralinguística, neste caso, a ênfase em “devastada” e “entranhas”, além da repetição de “FEIO” (em caixa alta, que indica muita ênfase ou fala em voz alta), comunicam a intensidade da dor da Maria Nazaré resultante do incêndio. Além disso, as imagens do incêndio são qualificadas como “trágicas” e “bíblicas”, com o devido reforço prosódico, e denotam o impacto inesperado, assustador e histórico do evento. Segundo Le Breton (2019), o sentimento e a emoção nascem quando o sujeito avalia de forma intuitiva ou provisória a situação em que se encontra. No relato da Maria Nazaré, ela menciona, na linha 18, que a primeira reação foi emocional. O uso da palavra “entranhas” denota uma emoção de dor e tristeza profundas.

A tonalidade baixa ao mencionar “irmã↓”, nas linhas 5 e 22, aponta para a tristeza ao evocá-la, devido à relação dela com a Semeiar e com o Museu Nacional, além da mudança de *footing* da narradora, ao assumir discursivamente o papel de irmã que se preocupa e sente orgulho da dedicação de Graça à Semeiar. Observa-se a dedicação na ênfase atribuída ao DELA, grafado com maiúsculas, bem como no uso da expressão “menina dos olhos DELA”. Essa expressão, geralmente, é usada para expressar predileção, isto é, algo a que se atribui uma preferência acentuada. Em suma, é notório que o elo do amor fraterno direciona, marca e demarca as memórias do incêndio para Maria Nazaré. A partir dessa constatação, é possível traçar uma analogia com o conceito de “memória de tabela” de Pollak (1992), que preconiza a lembrança de um acontecimento, lugar e personagens por pessoas que não vivenciaram a experiência, mas se identificam com determinado passado por meio da socialização política ou histórica ou, ainda, da participação no coletivo pelo qual a lembrança foi vivida. No caso do incêndio, sob a ótica de Maria Nazaré, podemos considerá-la como uma “emoção de tabela”, posto que ela não participou do tratamento do acervo da Semeiar, não fazia atendimentos e não integrava a equipe. Entretanto, o reconhecimento da importância da seção e a dor de perder algo que não conhecia propriamente, mas apenas sob a percepção da Graça, parecem-nos evidente no discurso construído acerca do desastre, sobretudo, no enunciado: “... Eu fiquei devastada com a notícia do incêndio, com as imagens trágicas, bíblicas do acontecimento por causa da da relação da minha irmã↓né, pelo trabalho com a instituição.” (linhas 3 até 5). Assim como a “memória de tabela” é considerada como uma memória herdada, a “emoção de tabela” é a emoção projetada sobre algo que não se experienciou em primeira pessoa, mas adquire-se pelos elos afetivos.

#### 4.2 A CONFRONTAÇÃO COM A PERDA

A confrontação com a perda refere-se ao momento em que a entrevistada visita o Museu Nacional no dia seguinte ao incêndio.

EXCERTO 2: A confrontação com a perda na ótica de Maria Nazaré

- 23 Maria [...] Tanto que no dia seguinte nós fomos TODOS pra lá,  
 24 o marido, o filho, a a governanta dela né [...]
- [...]
- 27 acompanhamos a primeira entrada dela, foi... foi↓horrível  
 28 ((começa a chorar)) foi horrível é uma das lembranças assim  
 29 MAIS: marcantes da minha vida. É um momento de de entrada né,  
 30 de confrontação com o que tinha acontecido, de saber que  
 31 o que eu vi na televisão era:hh era verdade, tinha acontecido <mesmo>.

O segmento selecionado evidencia o drama vivido por Maria Nazaré, seus familiares e, sobretudo, por sua irmã, ao se depararem com as consequências do incêndio do Museu Nacional. A seleção lexical associada às pistas de contextualização demarca o sofrimento da narradora com a experiência. No segmento, o uso conjugado de cinco tipos de pistas de contextualização, a ênfase (sublinhado), a repetição (“foi horrível”, linhas 27 e 28), a alteração de tonalidade (caixa alta e seta), do ritmo (uso entre os sinais de

maior e menor, como em <mesmo>, e não verbal (choro), articuladas ao sentido das expressões empregadas, conformam as emoções evocadas durante a narrativa, tais como espanto, tristeza, desolação e dor.

É pertinente destacar que o choro indica como a emoção e, concomitantemente, a experiência são atualizadas no ato da partilha, ou melhor, no momento em que a narradora seleciona o que será contado. Neste caso, como a dor, a tristeza e a desolação ao constatar a perda de sua irmã são novamente afloradas ao acionar a lembrança da confrontação, mencionada pela narradora como uma das mais marcantes de sua vida (“é uma das lembranças assim MAIS: marcantes da minha vida”, linha 29).

Outro ponto relevante é que a memória da confrontação com o incêndio foi compartilhada em família (linhas 23 e 27), reconhecida por Halbwachs (2006), como um dos elementos dos quadros sociais que conformam a memória. Isso fica evidente em “nós fomos TODOS pra lá”, como também em “acompanhamos a primeira entrada dela”. As pistas de contextualização aqui apontam para o *footing* de Maria Nazaré como irmã, que só é alterado nas linhas 30 e 31, quando a narradora se posiciona discursivamente como expectadora, ao constatar pessoalmente a veracidade do incêndio; o uso das palavras e da fala lenta em “era verdade tinha acontecido <mesmo>”, comunicam o espanto com a realidade devastadora do desastre.

### 4.3 A CONCEPÇÃO DO COLHEITA

Os excertos a seguir apontam os fatores que precederam e contribuíram para a elaboração da proposta do sistema Colheita.

EXCERTO 3: A concepção da proposta do Colheita na visão de Maria Nazaré

32 Maria É de imediato passado assim uma semana, minha irmã estava tão desesperada  
 33 que não tinha cabeça pra nada. Eu disse a ela,  
 34 “nós temos que tomar uma providência imediata. Nós não podemos  
 35 deixar o tempo passar. Você tem que chamar essas pessoas  
 36 que que tão lhe dando apoio, que tão lhe dando isso  
 37 que tão prestando solidariedade, e vamos construir  
 38 e constituir um grupo de trabalho  
 39 Esse, aí eu acionei a minha coordenadora↑ em Brasília.  
 40 “Olha, eu tô fazendo parte de um grupo de trabalho,”  
 41 eu não quero entrar MARIA, eu quero entrar pela instituição IBICT.  
 42 Para dar nome instituição IBICT nesta iniciativa,  
 [...]
 50 [...] . De imediato foi: “Pode ir. Leve em frente”.  
 51 E eu já vinha nesse projeto de CRIS desde 2014,  
 52 estudando tudo que existia no no Exterior, na Europa principalmente,  
 53 realizando seminários. Quer dizer, é um grande movimento intelectual  
 54 de apropriação de conceitos, de metodologia  
 55 de conteúdos, que foram compartilhados com vários órgãos  
 56 e pessoas do Brasil, que antecede a a proposta do...  
 57 a proposta do Colheita. [...]

No excerto acima, Maria Nazaré narra como a sua irmã ficou desorientada com o incêndio, “minha irmã estava tão desesperada que não tinha cabeça pra nada” (linhas 32 e 33). A tristeza de sua irmã é contrastada com a expectativa de Maria Nazaré, ou melhor, a esperança em reconfigurar a seção por meio da formação de um grupo de trabalho “Você tem que chamar essas pessoas que que tão lhe dando apoio, que tão lhe dando isso que tão prestando solidariedade, e vamos construir e constituir um grupo de trabalho”. (linhas 35 a 38). Essa perspectiva de Maria Nazaré advém, principalmente, da iniciativa de “solidariedade” dos pesquisadores. Vale esclarecer que a “solidariedade” a que Maria Nazaré se refere está relacionada principalmente ao desejo de colaborar dos

pesquisadores da Semear que entraram em contato por e-mail com a sua irmã logo após o incêndio, com o intuito de doar os documentos digitalizados da seção. Talvez, a partir dessa iniciativa, Maria Nazaré tenha vislumbrado o substrato básico para a configuração da proposta do Colheita, uma vez que a primeira etapa dele consiste em compilar o máximo de doação de documentos, para, depois, mapear os desdobramentos oriundos das consultas. Outro aspecto relevante é que Maria Nazaré explicita, por meio do uso do pronome “nós” e verbos na terceira pessoa do plural que exprimem/indicam vontade, potência e assertividade (“temos”, “podemos” e “vamos”), que assume com a irmã a responsabilidade de reestruturar o acervo: “nós temos que tomar uma providência imediata. Nós não podemos deixar o tempo passar” (linhas 34 a 36) e “vamos construir e constituir um grupo de trabalho” (linhas 37 e 38).

Em relação ao *footing*, observa-se, logo no início do segmento, seu alinhamento enquanto irmã em “minha irmã estava tão desesperada” (linha 32), como também o alinhamento de pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)<sup>16</sup>, ciente de sua capacitação profissional e de seu comprometimento institucional para desempenhar tal função, ao dirigir-se à sua coordenadora (linhas 39 a 42): “eu não quero entrar MARIA eu quero entrar pela instituição IBICT”. O destaque à sua instituição acadêmica de origem é, então, explicitado na linha 42: “Para dar nome instituição IBICT nesta iniciativa.” Outro ponto que merece destaque é a confiança de sua coordenadora na capacidade de Maria Nazaré, que chancelou sua participação de forma imediata, em: “[...]. De imediato foi: “Pode ir. Leve em frente” (linha 50). Por meio desses enunciados, a narradora se constrói discursivamente como uma pesquisadora reconhecidamente interessada e competente que tem orgulho da instituição em que atua. As experiências da narradora com o sistema CRIS<sup>17</sup>, cujos princípios constituem a base da proposta do Sistema Colheita, provêm da demanda de pesquisa de sua instituição e, especialmente, de seu interesse em estudá-lo: “E eu já vinha nesse projeto de CRIS desde 2014, estudando tudo que existia no no Exterior, na Europa principalmente, realizando seminários” - linhas 51 a 53. Ainda, no segmento “é um grande movimento intelectual de apropriação de conceitos, de metodologia de conteúdos, que foram compartilhados com vários órgãos e pessoas do Brasil” (linhas 53 a 56), observamos outros alinhamentos relativos à sua função de pesquisadora projetados por Maria Nazaré: projeta-se como uma pessoa dedicada, estudiosa e competente, que tem o domínio sobre o sistema. De fato, o papel de pesquisadora da Maria Nazaré é preponderante para a concepção da proposta do Colheita sob os princípios do CRIS.

Assim, no que tange aos interesses sobre os quais a proposta do Colheita se consolida, por um lado, há o interesse genuíno de Maria Nazaré em ajudar a irmã com a reconfiguração da seção, devido aos laços de amor fraternal, admiração pela dedicação da irmã ao trabalho ao longo dos anos e o reconhecimento da importância do acervo para as pesquisas científicas. Por outro, há a oportunidade de aplicar os sólidos conhecimentos apreendidos dos princípios CRIS e de aprofundá-los a partir da experiência singular da reconfiguração da Semear. Outro interesse relevante para a configuração da proposta, que não é explicitado por Maria Nazaré, consiste no desejo dos pesquisadores em contribuir com a doação de documentos digitalizados do acervo. A solidariedade expressa na iniciativa transmite a empatia com a situação da Semear após o incêndio, além de subsidiar a primeira etapa da construção do sistema. Portanto, observamos, mais uma vez, como o incêndio despertou emoções que estão implicadas diretamente na formulação do Colheita.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dor, o desespero, o choro, a incredulidade, a tristeza, a impotência e a negação são emoções e sentimentos que permeiam as narrativas da entrevistada. A memória acerca do incêndio do Museu Nacional aflora emoções diversas. Com destaque para a tristeza que perpassa a narrativa por meio das escolhas lexicais, que apontam como o incêndio foi um evento marcante para a instituição,

<sup>16</sup> O IBICT é uma unidade de pesquisa vinculada ao Ministério de Ciência e Tecnologia, desde a sua fundação em 1954. A sua missão é “[...] promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico-tecnológico” (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2018). O IBICT é referência em projetos voltados ao movimento do acesso livre ao conhecimento.

<sup>17</sup> *Current Research Information System* (CRIS), metodologia que viabiliza a criação de um sistema interoperável de informação de pesquisa em andamento. Em linhas gerais, o uso da metodologia no Colheita visa a agregar os documentos doados, com os desdobramentos (artigos, teses, vídeos entre outros) e as pesquisas sobre as temáticas consultadas, bem como o registro dos pesquisadores.

funcionários, pesquisadores e para os familiares da entrevistada. Os desdobramentos do desastre corromperam e destruíram a maior parte da estrutura do Palácio, bem como afetaram acervos e redes de significados construídos aos longos dos seus 200 anos. De fato, o incêndio provoca uma ruptura para o Museu Nacional e, conseqüentemente, para a Semear. Nesse contexto, a dor e a tristeza da perda da maior parte do acervo da Semear são ressignificadas em esperança e expectativa, com a proposta do Colheita, fruto do impulso criativo advindo da resistência às conseqüências do desastre. Assim, o Colheita é uma parte importante para o processo de renascimento, ou melhor, de reconfiguração da Semear; resultante do esforço e dedicação, primeiramente, de Maria Nazaré e sua irmã, como também de todos os colaboradores e funcionários da seção.

A partir da análise das narrativas que integram a entrevista de pesquisa que compõe o corpus desta investigação, examinamos o processo que culminou na formulação da proposta do sistema, observando os papéis discursivos, as emoções e os fatores preponderantes que conformam parte da memória acerca da sua idealização. As projeções discursivas de irmã solidária e de pesquisadora interessada e reconhecidamente competente do IBICT emergiram na estória, criando um cenário de protagonismo narrado como fundamental para a formação do grupo de trabalho e da referida proposta. As pistas de contextualização identificadas nos excertos analisados demarcam a reação emocional da narradora com a experiência do incêndio, especialmente, sua empatia com a dor da irmã e a intensidade do seu sofrimento, que estão relacionadas também à forma como ela recebeu e encarou a notícia do desastre. A dor construída discursivamente durante a narrativa está associada à perda da Semear, uma parte do Museu da qual a entrevistada não tinha conhecimento. A esse efeito de valoração, atribuímos o termo emoção de tabela, construído com base no conceito de memória de tabela de Pollak (1992). Além disso, assinalamos como as emoções estão presentes entre os principais fatores que contribuíram para a concepção da proposta: a solidariedade dos pesquisadores que se mobilizaram para ajudar a Semear com o envio de documentos digitalizados, a relação de afeto com a irmã, elo enunciado diversas vezes ao longo da narrativa, e o orgulho de Maria Nazaré pelo trabalho desempenhado por sua irmã, bem como por sua própria dedicação e conhecimento sólido da metodologia que embasa o Colheita.

A análise das narrativas sobre o incêndio e sobre a proposta do Colheita evidenciou como as emoções estão circunscritas na memória, como orientam o fluxo narrativo das lembranças acionadas e podem, assim, atuar como propulsoras de pensamentos e ações transformadoras. Acreditamos que a relação das emoções com a memória é um campo a ser explorado em outras pesquisas, em diferentes contextos, e constitui uma temática de grande potencial no bojo das discussões e estudos da Memória Social.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos – uma introdução aos estudos da narrativa. *Calidoscópio*, v. 3, n.2, p. 74-81, 2005.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *Delta*, v. 31, especial, p. 97-126, 2015.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARVALHO, Cláudia Rodrigues. *500 dias de Resgate: memória, coragem e imagem*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. (Série Livros Digital, 22). Disponível em: [https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500\\_dias\\_resgate/livreto\\_500\\_dias\\_de\\_resgate.pdf](https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500_dias_resgate/livreto_500_dias_de_resgate.pdf). Acesso em: 18 dez. 2021.
- DEUS, C. C. R. D. de; PINTO, D. de S. O projeto de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional na perspectiva da informação e da memória. *Informação & Informação*, Londrina, v. 26, n. 2, p. 1-25, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/40134>. Acesso em: 25 out. 2021.
- FLANNERY, M. R. de S. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. *Letras de Hoje*, v. 46, n. 11, p. 112-119, 2011.

- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013, p. 107- 148.
- GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. *Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016. Edição especial.
- GUMPERZ, J. J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 45-84.
- HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALBWACHS, M. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos, 2004.
- HUYSEN, A. Resistência a memória: usos e abusos do esquecimento público. In: HUYSEN, A. *Culturas do passado-presente*. Modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p. 155-176.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Institucional. 15 out. 2018. Disponível em: <https://antigo.ibict.br/sobre-o-ibict/atuacao>. Acesso em: 19 out. 2021.
- KELLNER, A. W. A. Carta aberta aos presidentiáveis. *Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 16 out. 2018. Disponível em: [https://museunacional.ufrj.br/destaques/carta\\_aberta.html](https://museunacional.ufrj.br/destaques/carta_aberta.html). Acesso em: 28 out. 2021.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions off personal experience. In: HELM, J. (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, WA: University of Washington Press, 1967. p.12-44.
- LADEIRA, W. T. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em Sociolinguística Interacional. *Revista de Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, p. 43-56, 2007.
- LAWLER, S. Stories, Memories, Identities. In: LAWLER, S. *Identity: sociological perspectives*. Cambridge: Polity Press, 2014.
- LE BRETON, D. *Antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- MÍDIA NINJA. Ato em solidariedade ao Museu Nacional no Rio de Janeiro. *YouTube*, 3 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Nk7Ss130hM> . Acesso em: 20 nov. 2021.
- MISHLER, E. *Storylines: Craftartists' Narratives of Identity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.
- PINTO, D. Noções de contexto. *Memória e Linguagem*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 25 abr. 2019. 1 áudio (55 min.).
- POLLAK, M. A gestão do indizível. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*. v. 2 n. 1, p. 9-49, 2010.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RAMPTON, B. *Interactional Sociolinguistics*. London: Working papers in urban language e literacies, 2017.
- RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

RIESSMAN, C. *Narrative methods for the human sciences*. New York: Sage, 2008.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Quartet: Rio de Janeiro, 2013. p. 37-48.

ROSSI, P. Lembrar e esquecer. In: ROSSI, P. *O passado, a memória, o esquecimento*. São Paulo: EdUNESP, 2010. p. 15-38.

SANTOS, M. J. V. da C.; ESTEVÃO, S. de M. A preservação do acervo arquivístico do Museu Nacional e sua importância para a memória da instituição. In: OLIVEIRA, A. J. B. (org.). *A universidade e os múltiplos olhares de si mesma*. Rio de Janeiro: SiBI/UFRJ, 2007. p. 191-203.

SANTOS, W. S. dos. Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (orgs.) *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Quartet: Rio de Janeiro, 2013. p. 21-36.

SILVA JUNIOR, J. D. Reconfiguración de la colección de la Sección de Memoria y Archivo del Museo Nacional después del incendio. *Anales de Documentación*, v. 24, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/analesdoc.462511>. Acesso em: 19 abr. 2022.

TV CIDADE VERDE. Professores e alunos realizam ato solidário ao incêndio do Museu Nacional. *YouTube*, 4 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kGIPsI5Te2E>. Acesso em: 20 nov. 2021.

WELLE, Deutsche. Quase metade das doações ao Museu Nacional veio da Alemanha. *Globo*. 27 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/08/27/quase-metade-das-doacoes-ao-museu-nacional-veio-da-alemanha.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2021.

WITKOWSKI, R. A Sociolinguística e suas principais correntes de estudo. *Centro Universitário Leonardo da Vinci*. Sociolinguística Prática. 24 nov. 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228914134.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.



Recebido em 23/02/2023. Aceito em 09/04/2022.

## ANEXO A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Símbolos	Significados
...	Pausa não medida
=	Eloquções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
Sublinhado	Ênfase
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
<palavra>	Fala mais lenta
:	Alongamentos
(( ))	Comentário do analista, descrição de atividade não verbal
hh	Aspiração ou riso
↑	Subida de entonação
↓	Descida de entonação

Fonte: adaptado de Bastos e Biar (2015)